



# Guia Sumário do IIPE para os Planificadores

---

## HIV e SIDA: Desafios e Abordagens do Setor da Educação

Françoise Caillods

Michael J. Kelly

Barbara Tournier



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Instituto Internacional para  
o Planejamento Educacional

Educação e HIV & SIDA

Os autores agradecem a Lynne Sergeant, Gestora da plataforma HIV & SIDA e Educação Clearinghouse da UNESCO, por suas preciosas contribuições, em termos de tempo e de recursos, na preparação deste guia sumário e a Miriam Jones, Tara Bukow, Philippe Abbou e à Unidade de Publicações do IIEP pela paciência e disponibilidade.

Os termos utilizados e a apresentação do material no presente documento não implicam a manifestação de qualquer opinião, seja da parte da UNESCO, seja da parte do IIEP, sobre o estatuto legal de quaisquer países, territórios, cidades ou áreas, ou sobre suas respectivas autoridades, ou ainda sobre suas fronteiras ou limites.

7-9 Rue Eugène Delacroix, 75116 Paris, França.

Tel: (0033 1) 45 03 77 00

Fax: (0033 1) 40 72 83 66

IIEP website: [www.unesco.org/iiep](http://www.unesco.org/iiep)

Todos os direitos reservados.

[iiep/web/doc/2008/12](http://iiep/web/doc/2008/12)

Impresso na gráfica do IIEP.



Impresso em papel reciclado.

# Índice

---

Lista de Abreviaturas .....	4
Prefácio .....	5
Atualmente, quais são os problemas envolvendo o HIV e a SIDA e a Educação?.....	6
<b>1. PROVER UMA EDUCAÇÃO EFICAZ DE PREVENÇÃO.....</b>	<b>9</b>
Uma Educação de Prevenção que Funciona .....	9
Formação de Professores.....	13
Estigma e Discriminação .....	17
<b>2. AUMENTAR O ACESSO ÀS ESCOLAS.....</b>	<b>21</b>
Mitigar o Impacto nas Crianças Vulneráveis .....	21
Igualdade de Gênero e Educação das Meninas.....	25
<b>3. MANTER UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE.....</b>	<b>29</b>
Apoio e Gestão dos Recursos Humanos.....	29
Fortalecimento das Instituições do Ensino Superior .....	33
<b>4. INTEGRAR O HIV/SIDA NA AGENDA DE TRABALHO DOS PLANIFICADORES.....</b>	<b>39</b>
A agenda de trabalho dos planificadores num contexto de SIDA.....	39
Referências.....	44
Recursos Adicionais.....	46

# Lista de Abreviaturas

---

AUA	Associação das Universidades Africanas
ADEA	Associação para o Desenvolvimento da Educação na África
APP	Associação de Pais e Professores
CGWA	Coligação Mundial das Mulheres e a SIDA
COV	Crianças Órfãs e Vulneráveis
EDC	Centro para o Desenvolvimento da Educação
EI	Internacional da Educação
EPT	Educação para Todos
EPTSIDA	Educação para Todos/Projecto SIDA
ESART	Fundo de Resposta à SIDA para o Sector de Educação
FHI	Saúde Familiar Internacional (Family Health International)
FTI	Iniciativa Fast Track (Via Rápida)
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HSRC	Conselho de Pesquisa em Ciências Humanas
IBE	Organização Internacional para a Educação
IEUNESCO	Instituto de Estatísticas da UNESCO
IIPE	Instituto Internacional para o Planeamento Educacional
NIAID	Instituto Nacional de Alergias e Doenças Infecciosas
OBF	Organização Baseada na Fé
ODM	Objetivo de Desenvolvimento do Milénio
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
ONUSIDA	Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/SIDA
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
TARV	Terapia Antirretroviral
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

# Prefácio

---

## Antecedentes

---

Nos últimos 20 anos o HIV e a SIDA foram considerados, a justo título, a epidemia mais devastadora do mundo, principalmente na África Subsaariana. Graças a inúmeros esforços nos âmbitos nacional e internacional, progressos vêm sendo atingidos no combate à pandemia. O desenvolvimento da terapia antirretroviral (TARV), uma importante inovação científica, ajudou a diminuir o número de mortes decorrentes da SIDA. Uma mobilização de fundos sem precedentes tornou possível um maior acesso aos tratamentos, a organização de programas de educação sobre prevenção e a criação de serviços de aconselhamento e de testes em vários países. Existem provas de que, em alguns países, as taxas de prevalência estão começando a se estabilizar e até mesmo a diminuir. O número de novas infecções também está diminuindo. A ação está começando a colher seus frutos.

No entanto, em 2007 ainda havia 33 milhões de pessoas no mundo portadoras do HIV, e em países de baixa ou média renda apenas uma em cada três pessoas necessitando de tratamento estava efectivamente recebendo o TARV. Em vários países da África Subsaariana, menos de 25 por cento dos que necessitam de tratamento têm acesso ao mesmo. Não existe qualquer vacina em vista e a epidemia permanece bastante descontrolada.

A prevenção ainda é a resposta mais barata e eficaz à epidemia. A epidemia global de SIDA continua exigindo esforços coordenados e concentrados. Também requer uma ação contínua do setor da educação.

# Atualmente, quais são os problemas envolvendo o HIV e a SIDA e a Educação?

## Progressos

Nos últimos dez anos, os ministérios da educação obtiveram progressos consideráveis na institucionalização do combate à pandemia. Em vários ministérios foram implantadas estruturas de gestão do HIV e da SIDA; programas estratégicos sobre o HIV e a SIDA foram desenvolvidos para o setor da educação; a informação sobre o HIV e a SIDA foi integrada aos currículos das escolas primárias e secundárias, principalmente nos países de prevalência elevada; o HIV e a SIDA são mencionados como temas fundamentais nos programas do setor da educação e no capítulo sobre educação de várias estratégias de redução da pobreza. Por último, mas não menos importante, o HIV e a SIDA aparecem na agenda de trabalho de várias reuniões ministeriais, e pela primeira vez estão sendo realizados estudos em larga escala no setor da educação para tentar avaliar a dimensão do impacto da epidemia.

## Desafios

Não obstante, o HIV e a SIDA podem muito bem já não serem as principais preocupações dos ministérios da educação e das sociedades civis. Às vezes, a impressão que se tem é de que o problema não é mais urgente e que pode ser solucionado pela administração do tratamento. Mais uma vez o HIV e a SIDA estão se tornando essencialmente uma questão de saúde. Considera-se que o problema está sendo tratado a contento através da preparação e da publicação de estratégias sobre o HIV e a SIDA e da nomeação de um ponto focal sobre a SIDA no setor da educação. Isto permitiria os altos funcionários debruçarem-se sobre questões mais urgentes, como por exemplo o aumento da educação pós-primária, como se nada houvesse mudado.

Entretanto, a epidemia não terminou e o HIV e a SIDA constituem um grande obstáculo para se atingir os objetivos da Educação para Todos (EPT) e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Ainda resta muito a fazer na esfera da educação para resolver o problema. Em alguns países:

- documentos de políticas e diretrizes, onde existentes, foram distribuídos em bairros, escolas e faculdades de maneira irregular. Muitos dos diretores das escolas e das instituições não os leram e, portanto, não os implementam;

- os fundos destinados ao HIV e à SIDA nem sempre chegam às escolas e aos beneficiários visados. A maioria dos programas do setor da educação, dos planos de ação e dos orçamentos anuais para a educação não incluem programas específicos ou linhas orçamentárias para abranger o HIV e a SIDA;
- a educação sobre prevenção nem sempre é implementada no âmbito escolar. Os professores, muitos dos quais sem qualificações, só receberam formação em educação sobre o HIV e a SIDA através de cursos muito rápidos, se é que receberam alguma. Não existem materiais disponíveis na sala de aula;
- independentemente do HIV e da SIDA, a qualidade da educação é baixa: os níveis de conhecimento dos alunos são tais que eles têm dificuldade em compreender os materiais fornecidos. O absentismo dos professores é elevado e agravado por problemas relacionados com o HIV e a SIDA;
- as moças e as meninas são desproporcionalmente afetadas pelo HIV e a SIDA devido a desigualdades de gênero elevadas, tradições culturais e violência em casa, na escola e na sociedade. As tradicionais normas sobre gênero não se alteraram;
- Em alguns países, os órfãos, as crianças com deficiências e as crianças pobres e vulneráveis representam uma elevada proporção da população em idade escolar. Os programas destinados a estes jovens ainda são raros;
- o estigma relacionado com o HIV/SIDA permanece muito forte na sociedade, propagando a epidemia de forma oculta, e deste modo impedindo a implementação de um combate eficaz;
- Com demasiada frequência predominam respostas emergenciais ad hoc, quando na realidade são necessárias ações contínuas no âmbito de uma planificação abrangente e a longo prazo para que haja um impacto duradouro.

Alguns dos problemas acima mencionados requerem uma mudança nas culturas e nos antigos hábitos. Tais mudanças não podem ser efetuadas imediatamente, nem ser implementadas por um único ministério ou somente pelo setor público. É necessário continuar tratando tais problemas através dos programas de educação e dos diversos meios de comunicação, em parceria com vários atores. O progresso será lento, mas a tomada de posição e o compromisso por parte dos líderes podem contribuir de verdade para que as coisas tomem o caminho certo.

Outros problemas estão mais relacionados à administração e podem - e devem - ser abordados pelos planificadores.

Este guia sumário é dirigido aos planificadores e à administração sênior dos ministérios da educação. Ele discute quatro desafios principais num mundo com SIDA:

- prover uma educação eficaz de prevenção;
- aumentar o acesso às escolas;
- manter uma educação de qualidade;
- integrar o HIV/SIDA na agenda de trabalho dos planificadores.

Cada capítulo pode ser lido independentemente ou em sequência. Após descrever o problema, cada capítulo resume o que um ministério da educação pode fazer e o que os planificadores devem fazer. Também são apresentadas mensagens aos ministros para lembrar-lhes os pontos sobre os quais eles devem agir urgentemente.

# 1 ENTREGAR UMA EDUCAÇÃO SOBRE PREVENÇÃO EFICAZ

## Uma Educação de Prevenção que Funciona

### O problema

Todos os anos, cerca de 2,5 milhões de pessoas são infectadas pelo HIV, a maioria na África Subsaariana. O auge da idade das infecções situa-se tipicamente entre 15 e 24 anos. Muitos destes adolescentes e jovens não têm a informação e a capacitação necessárias para se proteger da infecção pelo HIV. A maioria destes jovens frequentou escolas primárias e, cada vez mais, escolas secundárias.

É, portanto, essencial desenvolver programas específicos que proporcionem às crianças e aos jovens o conhecimento e a capacitação necessários em termos de prevenção do HIV e da SIDA, antes que eles se tornem sexualmente ativos.

Vários países deram início à educação sobre o HIV e/ou as competências para a vida, mas muitas vezes estes assuntos permanecem à margem dos currículos e nem sempre são ministrados de forma correta. No entanto, e apesar de todos os problemas, há provas de que cursos ministrados nas escolas podem reduzir as práticas sexuais de risco.

### Alguns fatos

Vários estudos realizados na África Subsaariana nos anos noventa, bem como pesquisas demográficas e sanitárias, indicam níveis significativamente mais elevados de prevalência do HIV em pessoas com um maior grau de educação, tanto nas áreas urbanas como nas rurais. Isto se deve ao fato de as pessoas com mais educação terem mais probabilidade de manterem práticas sexuais de risco em razão de possuírem maior mobilidade e maiores rendimentos.

Na zona rural da África do Sul, na Zâmbia e na Uganda, estudos mais recentes e precisos sobre grupos etários específicos revelaram declínios na prevalência do HIV entre os jovens com mais educação, enquanto as taxas de prevalência continuam a aumentar entre os menos educados.

O estudo na África do Sul conclui que a frequência à escola secundária reduz o risco de infecção pelo HIV (Hargreaves et al., 2008; De Walque, Nakiyingi-Miuro, Busingye e Whitworth, 2005).

Uma análise de 22 estudos que medem o impacto dos programas de educação sexual e HIV de países em desenvolvimento no comportamento sexual de jovens (abaixo dos 24 anos de idade) conclui que uma grande maioria dos cursos curriculares reduziu significativamente as práticas sexuais de alto risco (Kirby, Obasi e Laris, 2006). Ficou demonstrado que os cursos ministrados pelos professores e outros adultos tiveram um impacto positivo nos comportamentos relatados.

## O que sabemos

A educação promove vários fatores que podem reduzir a vulnerabilidade ao HIV: ela confere os jovens capacidade de leitura (para poderem ler os materiais de informação); desenvolve a capacidade de raciocínio crítico e de tomada de decisões; promove a autoconfiança e a capacidade de lidar com situações difíceis; e contribui para o adiamento da idade de casamento (ou a idade das primeiras relações sexuais). Ela emancipa as moças, o que é de fundamental importância, posto que dois terços dos jovens recentemente infectados entre os 15 e os 19 anos de idade são mulheres e estudos demonstraram que as moças que terminaram o ensino secundário têm um risco mais baixo de infecção pelo HIV (*ActionAid Internacional, 2006*).

A educação sobre o HIV e a SIDA foi iniciada sob diferentes títulos num grande número de países. Está mais do que provado que os cursos ministrados pelos professores e por outros adultos têm um impacto positivo nos comportamentos e reduz as práticas de alto risco (Kirby et al., 2006). Mas muitas vezes esta disciplina é adicionada a um currículo já sobrecarregado e que não dá a devida atenção às habilidades dos estudantes de lidar com os problemas diários.

A educação pelos pares funciona mais como um complemento do que como um substituto à educação centrada no professor.

### Características de uma educação eficaz sobre o HIV e a SIDA

Uma educação eficaz sobre o HIV e a SIDA aborda os riscos que os estudantes enfrentam, bem como sua vulnerabilidade aos mesmos. Esta educação:

- ▶ Uma educação eficaz sobre o HIV e a SIDA aborda os riscos que os estudantes enfrentam, bem como sua vulnerabilidade aos mesmos. Esta educação:
- ▶ inicia-se cedo, antes do começo da atividade sexual;
- ▶ estipula mensagens claras sobre a sexualidade e outros assuntos sensíveis;

- ▶ lida com a pressão dos colegas, da família e da sociedade;
- ▶ visa a reduzir os comportamentos de alto risco;
- ▶ discute valores e normas e reforça aqueles que podem funcionar como protetores;
- ▶ inclui o estigma e a discriminação e, em países de prevalência elevada, a educação sobre o tratamento.

Na medida do possível, ela estimula a participação ativa dos estudantes, dramatizações apropriadas e discussões interativas. Ela incentiva programas de educação extracurriculares e pelos pares

(IBE, 2006).

## O que podem fazer os ministérios da educação

- Antes de mais nada, enfatizar o acesso à educação de boa qualidade de todas as crianças e jovens até o final do ensino primário e, de

preferência, para além do nível secundário: educar uma população é o melhor meio de combater a epidemia. Uma educação que enfatiza os quatro pilares da aprendizagem (ver a tabela a seguir) tem mais probabilidades de reduzir a vulnerabilidade e oferece uma boa base para desenvolver a educação sobre o HIV e a SIDA (Equipe de Trabalho da UNESCO sobre a Educação para o Século XXI, 1996).

- Defender a completa integração da educação sobre o HIV e a SIDA no currículo, com a devida alocação de tempo no ensino primário e secundário. A prevenção sobre o HIV e a SIDA pode ser lecionada como disciplina independente ou ser integrada a algumas disciplinas específicas, tais como Biologia ou Educação Cívica. Deve-se atentar não somente à transmissão do conhecimento, mas também à mudança de comportamento e às habilidades de autogestão que permitem os jovens lidarem com situações e problemas diários.
- Incentivar, na elaboração do currículo, a intensa participação de uma grande variedade de parceiros, inclusive sindicatos de professores, conselhos nacionais da SIDA, ministérios da saúde, portadores do HIV e representantes dos conselhos de administração escolares, associações de pais, organismos religiosos e outros representantes da sociedade.
- Estabelecer parcerias com aqueles que devem desempenhar um papel ativo no provimento da educação sobre prevenção nas escolas, tais como representantes dos ministérios da saúde e membros de organizações não-governamentais (ONGs) do ramo.

### **Os Quatro Pilares da Aprendizagem (num contexto de HIV e SIDA)**

“Aprender a saber” implica a aprendizagem de fatos e informações adequados (sobre a doença), assim como aprender a como aprender e desenvolver habilidades de raciocínio, inclusive desafiando a própria cultura e os próprios hábitos.

“Aprender a fazer” implica fomentar a aquisição de habilidades psicossociais, de saúde, de nutrição e outras, ao mesmo tempo em que se proporciona aos jovens capacidades de sustento necessárias para ganhar a vida.

“Aprender a viver em conjunto” requer ensinar aos alunos e estudantes a diversidade humana e

incutir neles a consciência de que todas as pessoas são semelhantes e dependem umas das outras, promovendo assim uma visão solidária, afetuosa e fulcrada nos direitos humanos de cada pessoa.

“Aprender a ser” envolve a promoção do autoconhecimento e o apoio ao desenvolvimento de atitudes positivas diante da vida e de capacidades que ajudam os estudantes a resistir à pressão negativa e a reduzir ao máximo os comportamentos prejudiciais.

*Fonte:* Adaptado da Equipe de Trabalho da UNESCO sobre a Educação para o Século XXI, 1996.

## O que podem fazer os planejadores

---

- Concentrar-se na melhoria da educação de boa qualidade oferecida nas escolas, possibilitando a alfabetização de alunos e adolescentes para que estes possam desenvolver suas capacidades cognitivas e sociais.
- Analisar e implementar estratégias que permitirão às meninas e às crianças vulneráveis frequentar a escola e completar sua educação até o mais alto nível possível.
- Assegurar que os materiais pedagógicos relativos à educação sexual e à saúde são distribuídos e entregues às escolas; monitorar sua disponibilidade e utilização nas salas de aula, através de estudos específicos; identificar as razões pelas quais estes materiais possam não estar disponíveis e tomar medidas corretivas.
- Assegurar que o custo do desenvolvimento de novos conteúdos e da preparação e distribuição dos materiais pedagógicos é devidamente calculado.



### Mensagens Fundamentais aos Ministros da Educação

1. Uma educação de boa qualidade funciona e atua como uma vacina social. Ela protege as crianças e os jovens contra a infecção pelo HIV. Também desenvolve valores, atitudes, capacidades e o conhecimento necessários para lidar positivamente com o HIV.
2. Apoie a introdução da educação sobre o HIV e a SIDA como uma disciplina independente ou como parte integrante da saúde sexual e reprodutiva.
3. Amplie as parcerias na concepção e elaboração do currículo

# Formação de Professores

---

## O problema

---

O HIV e a SIDA não podem ser superados sem alterações significativas nos valores, normas, atitudes e comportamentos. Espera-se que os professores, como agentes principais das mudanças, desempenhem um papel fundamental nelas. Eles podem fazê-lo através:

- de suas atividades pedagógicas na sala de aula;
- do ambiente cultural que criam nas escolas; e
- pela forma como desempenham o papel de modelo para os jovens.

Para terem êxito nestas áreas, os professores devem receber um preparo maior e melhor do que o que têm tido. Tanto os novos professores como os que já lecionam há um certo tempo devem ter um vasto conhecimento sobre a doença e sobre como evitar sua transmissão, as competências necessárias para lecionar sobre a questão e para ajudar seus alunos a desenvolverem habilidades de negociação, autoafirmação e outras competências para a vida, além de entenderem perfeitamente sua posição de líderes da comunidade e modelos de conduta. Os professores devem estar preparados para estas tarefas e responsabilidades. Com a devida formação, eles podem fazer uma grande diferença no modo de vida de muitos.

## O que sabemos

Em muitos sistemas escolares, os professores sentem que não estão devidamente preparados para contribuir, como deveriam, para proporcionar aos estudantes a “vacina da educação” contra a epidemia. Muitos se queixam que tiveram pouca formação para ensinar sobre o HIV e a SIDA e sobre a saúde sexual e reprodutiva, tanto a nível de formação inicial como de formação contínua. Estudos realizados chamaram a atenção para as várias lacunas do conhecimento dos professores sobre a doença e sua transmissão, evolução e tratamento.

Os professores destacam o escasso suprimento de materiais pedagógicos e sua incapacidade, devido à falta de formação, de utilizar os recursos disponíveis. Várias escolas e salas de aula não oferecem condições adequadas para o êxito do ensino e da aprendizagem de assuntos sensíveis como a educação sexual e o HIV e a SIDA. Muitas vezes, as classes são grandes e compostas de grupos bastante heterogêneos em termos de idade e de maturidade. Consequentemente, muitos professores se sentem envergonhados, concentram-se na informação científica e negligenciam questões como relações, valores, atitudes e comportamentos.

Alguns ministérios da educação já começaram a tomar providências para que a educação sobre saúde sexual e reprodutiva e sobre HIV e SIDA seja dada em programas de formação inicial. Porém, os ministérios da educação e os sindicatos de professores reconhecem que deve ser dada uma maior ênfase à formação do professor sobre o HIV e a SIDA tanto na fase de formação inicial como na de formação contínua.

### Um modelo que funciona

Desde 2001, a Internacional da Educação possibilitou a formação de mais de 150 000 professores em 35 países sobre a prevenção do HIV. O programa, baseado nas redes de sindicatos de professores, é conduzido em parceria com os ministérios da educação que o apoiam, disponibilizando os professores para integrar e participar das sessões de formação. O programa forma os professores para que possam evitar sua própria infecção pelo HIV, lutar em prol da prevenção do HIV e de programas de educação eficazes e ajudar os jovens a adquirir as

capacidades necessárias para evitar a infecção pelo HIV.

Uma avaliação externa mostrou que o programa incrementa os conhecimentos dos professores sobre o HIV e a SIDA, aumenta sua confiança na utilização de métodos de ensino e de aprendizagem participativos e os torna mais determinados a utilizar suas novas competências para ajudar os alunos, tanto na escola como fora dela, a evitar a infecção pelo HIV e a discriminação dela decorrente (Internacional da Educação, 2007).

## O que podem fazer os ministérios da educação

Os ministérios de educação podem levar a cabo quatro ações significativas:

1. Elaborar um currículo sobre o HIV e a SIDA pertinente, independente ou inserido num currículo mais amplo abrangendo o HIV e a Saúde Sexual e Reprodutiva, para os diferentes níveis escolares e programas de preparação de professores, e fazer com que ele se torne um componente integrante e obrigatório dos programas escolares e de formação de professores.
2. Desenvolver uma abordagem sistemática e a longo prazo para proporcionar formação contínua em educação sobre HIV e SIDA aos milhares de docentes ativos que dela necessitam.
3. Facilitar a intensa participação de uma grande diversidade de parceiros na concepção e elaboração do currículo (ver página 10).
4. Alocar recursos suficientes para selecionar e formar bons professores, bem como para preparar e distribuir materiais pedagógicos pertinentes.

As principais áreas que devem ser abordadas nestes programas de formação para professores incluem :

- Informação e compreensão que ajudarão os professores a se empenhar pessoalmente no combate à epidemia e nos seus impactos.
- Contextos de gênero e de pobreza e como estes influenciam a vulnerabilidade ao HIV, de forma que os professores compreendam quais as situações que impedem os indivíduos de escolherem, livremente, a maneira de agir mais responsável.
- Negociação, autoafirmação e outras competências importantes para a vida a fim de aumentar as capacidades dos professores de ensinar competências fundamentais aos alunos.

## O que podem fazer os planificadores

5. Assegurar a disponibilidade de recursos para o desenvolvimento e a implementação, tanto no âmbito da escola como no âmbito da formação do professor, de um currículo pertinente na área do HIV e da SIDA, assim como na área da saúde sexual e reprodutiva.
6. Assistir os departamentos de formação de professores e os conselhos administrativos universitários no custeio e no planeamento da formação inicial nestas áreas. Assegurar a disponibilidade de recursos para a formação contínua de docentes ativos.

7. Planejar a capacitação necessária de docentes ativos e de conferencistas e monitores das faculdades de educação e das instituições de formação de professores.
8. Monitorar o número de escolas que possuem conselheiros formados e a frequência dos cursos de atualização para professores em matéria de educação sobre HIV e SIDA e saúde sexual e reprodutiva.
9. Finalmente, encomendar um estudo para avaliar o impacto de tais programas.



### **Mensagens Fundamentais aos Ministros da Educação**

Os professores são o recurso mais valioso do setor da educação. Tornem-nos ainda mais valiosos como agentes de mudança positiva num mundo com HIV e SIDA dando-lhes uma formação que os permita comunicarem-se com seus alunos sobre o HIV e a SIDA com êxito e eficácia.

# Estigma e Discriminação

## O problema

O estigma que advém do HIV ou da SIDA é a principal causa de sofrimento pessoal e um obstáculo importante ao combate eficaz da epidemia de SIDA. Ele reduz a autoestima, destrói famílias, desfaz comunidades e reduz a esperança das gerações futuras. É uma violação ultrajante dos direitos humanos básicos que propaga a doença de maneira oculta e fragiliza os esforços de prevenção e cuidado.

O estigma relacionado com o HIV e a SIDA refere-se ao preconceito, à ignorância, ao descrédito, à desconsideração, à subestima e à discriminação das pessoas presumivelmente portadoras do HIV ou da SIDA, bem como de seus parceiros, amigos, famílias e comunidades. O medo e os juízos de valor são considerados as principais causas de tais atitudes. Devido à associação da doença com questões sensíveis como sexo, sexualidade, uso de droga e trabalho sexual, o estigma relacionado com o HIV e a SIDA arraigou-se de tal forma nos indivíduos e comunidades que pode ser muito difícil eliminá-lo.

O estigma altera a forma de como as pessoas veem a si próprias. A pessoa estigmatizada torna-se carregada de fortes sentimentos negativos de incapacidade, angústia, vergonha, tristeza, insegurança, culpa, autocensura e inferioridade. Para muitos indivíduos, o estigma externo pode ser menos doloroso do que o sofrimento interior de estar infectado ou afetado pela doença.

### A diferença que pode fazer um professor

"Tenho 17 anos. Acho que os professores podem ter uma enorme influência na vida dos estudantes afetados e infectados pela SIDA. Eu perdi minha mãe e minha irmã em 1999 e, em 2000, fui estuprada pelo meu pai. Um ano depois descobri

que sou seropositiva. A primeira pessoa que soube do meu estado foi uma professora, e a atitude que ela teve perante o meu caso é a razão pela qual tenho uma maneira positiva de encarar a vida".

*(Uma adolescente da Província do Norte Ocidental, África do Sul)*

## O que sabemos

Desde muito tempo reconhece-se que o estigma e a discriminação desempenham um papel fundamental na manutenção da epidemia de SIDA: as pessoas não fazem os testes e não revelam sua seropositividade. Excluir as pessoas da sociedade pode induzi-las a adotar comportamentos de alto risco.

No entanto, nunca houve um compromisso político ou programático sério para fazer algo contra o estigma. O estigma e a discriminação ocorrem nos ambientes escolares e da saúde da mesma forma que ocorrem nos lares, na comunidade e noutras esferas de trabalho.

### O estigma em casa

"Na família, [ser seropositivo] é um problema ... eu nem sempre sou incluído. Meus pratos são lavados em separado, por último... Minha tia disse à minha irmã para nunca mais fazer tranças no meu cabelo... Algumas pessoas murmuraram "chegou aqui"..."

*(Um professor portador do HIV em Ouagadougou)*

### O estigma na escola

"Alguns estudantes te olham e dizem "este rapaz é seropositivo". Eles não querem falar contigo, não querem comer contigo. ... Quando estão em grupo, começam a falar de ti, na tua frente, dizendo que estás doente".

*(Jovem de 17 anos no Quênia)*

### A dificuldade de declarar-se seropositivo

"Ninguém na escola sabe que eu sou seropositivo. Às vezes, tenho que faltar às aulas, mais ou menos uma vez por semana... Eu espero entrar na faculdade. Talvez estude para cabeleireiro ou serviço de refeições coletivas. Não é fácil contar às pessoas na escola [sobre o meu estado de portador do HIV], mas um dia elas descobrirão."

*(Aluno de uma escola secundária no Quênia)*

### Um passo positivo no combate à discriminação nas escolas

"Até que um caso tenha sido levado ao tribunal em janeiro de 2004, algumas escolas no Quênia

recusavam-se a admitir crianças da Casa das Crianças de Nyumbani, o maior e mais antigo abrigo do Quênia para crianças portadoras do HIV/SIDA. Numa ação conjunta com o Ministério da Educação, Nyumbani levou o caso ao Supremo Tribunal, que determinou que as escolas devem admitir estas crianças. Esta decisão do tribunal constituiu um acontecimento histórico importante que resultou num maior acesso à educação das crianças que vivem com SIDA".

*(Human Rights Watch, 2005).*

**O HIV e o SIDA não estigmatizam. As pessoas é que o fazem. Somos nós que criamos o estigma, não a doença.**

## O que podem fazer os ministérios da educação

---

A maioria dos países promulgaram políticas e leis para proteger os direitos das pessoas portadoras do HIV. Mas a discriminação pode ser sutil, exercida até mesmo nos esforços para proteger outras pessoas. A disseminação da informação através dos vários meios de comunicação é essencial. A educação tem um papel fundamental a desempenhar na redução da discriminação. Atribuir um papel social às pessoas portadoras do HIV tem se revelado uma estratégia bastante promissora.

- Desenvolver e implementar uma política clara e bem disseminada de tolerância zero para qualquer manifestação de estigma ou discriminação relacionada com o HIV no ambiente educacional, que proíba qualquer tratamento desfavorável de um professor ou aluno devido a sua seropositividade.
- Assegurar a total confidencialidade e o respeito ilimitado ao estado seropositivo do professor ou do aluno.
- Criar um ambiente seguro, acolhedor e de apoio que torne mais fácil aos professores ou aos alunos seropositivos declararem seu estado (ver tabela na página 30 sobre os princípios fundamentais de uma política para o local de trabalho).
- Envolver as pessoas portadoras do HIV em atividades institucionais e possibilitar que elas dividam suas experiências com professores e alunos.
- Apoiar a criação e o funcionamento de redes de professores e outros profissionais da área da educação infectados ou afetados pelo HIV.
- Evitar a linguagem estigmatizante, como por exemplo, termos que se referem a “vítimas”, “doentes”, “eles” e referências à promiscuidade, prostituição, etc.
- Ao projetar o currículo, conferir especial atenção ao terceiro pilar da aprendizagem: “Aprender a viver em conjunto, apesar das diferenças” (ver página 10).

## O que podem fazer os planejadores

---

- Apoiar esforços programáticos para a redução do estigma e da discriminação através de recursos apropriados.

- Fornecer um conjunto de ferramentas para combater o estigma e a discriminação a todas as instituições educativas a fim de que os educadores sejam formados sobre sua utilização, e para o uso curricular e/ou cocurricular de tais ferramentas pelas comunidades escolares.
- Realizar estudos sobre o estigma e a discriminação no setor da educação, como eles afetam os estudantes, professores e administradores, como reduzir seu impacto e assegurar que os resultados se refletem nos programas de ação.



### **Mensagens Fundamentais aos Ministros da Educação**

1. Liderar o combate contra o estigma e a discriminação e incentivar pessoas influentes da sociedade a tomarem uma posição de destaque.
2. Mobilizar campanhas no setor da educação contra o estigma e a discriminação relacionados com o HIV.

# 2 AUMENTAR O ACESSO ÀS ESCOLAS

## Mitigar o Impacto nas Crianças Vulneráveis

---

### O problema

---

Um dos impactos mais dramáticos do HIV e da SIDA é a ameaça que eles representam ao bem-estar das crianças e dos jovens. A ONUSIDA calcula que o número de crianças entre 0 e 17 anos de idade que perderam um ou ambos os pais foi de 48,3 milhões em 2005 na África Subsaariana, dos quais 12 milhões devido à SIDA. Frequentemente, as crianças afetadas pelo HIV e as crianças portadoras do HIV sofrem de estigma e de discriminação em suas comunidades.

A oportunidade destas crianças continuarem sua educação de maneira bem sucedida pode ser reduzida caso sua família pobre não possa arcar com os custos. Em alguns casos, os jovens têm de trabalhar para compensar o baixo rendimento dos pais.

Cada vez mais, os órfãos de pai e mãe ficam sob os cuidados de um tutor familiar. À medida que o número de órfãos aumenta, a própria comunidade fica mais pobre e, em consequência, as famílias que tomam conta de várias crianças além de suas próprias enfrentam dificuldades. Irmãos podem ficar separados e algumas crianças correm o risco de sofrer abusos e de ser exploradas pelos seus parentes ou pelos membros da comunidade.

As escolas e os professores têm de ser mais reativos às necessidades das crianças vulneráveis. Possibilitar a educação dos órfãos e das crianças vulneráveis (OCV) é não apenas uma urgência em termos de direitos humanos, mas também vital para quebrar o ciclo vicioso da pobreza e promover a segurança e a saúde pública.

O aumento do acesso ao TARV teve como resultado a sobrevivência de muitas crianças seropositivas que, caso contrário, teriam morrido em idade precoce. Os sistemas escolares e os professores têm de ser reativos às necessidades do número cada vez maior destas crianças nas escolas.

## Alguns fatos

Ao mesmo tempo em que a prevalência do HIV está se estabilizando e começando a recuar em muitas regiões, o número de órfãos continua a aumentar na África, principalmente na África Austral. Estima-se que o número de órfãos devido à SIDA atingirá os 15,7 milhões em 2010. Antes de 2005, a SIDA tinha deixado mais de 1 milhão de crianças órfãs em cada um dos cinco países: Quênia, África do Sul, Tanzânia, Uganda e Zimbábue (ONUSIDA, 2006).

Uma vez que a prevalência varia de região para região, o número de crianças órfãs devido à SIDA varia nas comunidades e nas escolas: por

exemplo, de 1,3 por cento para 30,4 por cento em escolas de um bairro de Lilongwe, no Malawi. Mesmo em países de menor prevalência da África Ocidental, o número pode ser bastante elevado em algumas escolas.

Uma em cada cinco crianças perdeu um ou ambos os pais no Zimbábue, Zâmbia e Botsuana.

Na África Austral, um número crescente de órfãos moram com as avós. A qualidade dos cuidados dispensados depende da riqueza e do tamanho da família adotiva. Na Zâmbia, um em cada cinco lares tem um ou mais órfãos sob seus cuidados (uma média de 3,2 órfãos por lar).

## O que sabemos

A melhor opção para os órfãos é que eles permaneçam no seio de uma família. Isto pode ser feito com o apoio da comunidade, do governo local e das ONGs. Iniciativas apoiadas em instituições e orfanatos podem ser necessárias como solução temporária ou em áreas com um elevado número de órfãos, mas esta solução é geralmente considerada problemática, uma vez que não favorece a integração social dos órfãos. Também é dispendiosa e aumenta a probabilidade de abuso infantil.

Todos os programas que visam a tornar a instrução menos dispendiosa, mais acessível e de melhor qualidade contribuem para aumentar as oportunidades educacionais das crianças vulneráveis. Entre tais programas destacam-se os planos de abolição dos custos do ensino primário, contanto que os fundos perdidos sejam devidamente compensados.

Mesmo em países onde a educação é em princípio gratuita, podem continuar a existir despesas com as quais as famílias mais pobres não podem arcar (uniformes, manuais escolares, contribuição para os fundos escolares, exames). Em muitos países, as ONGs (nacionais e internacionais) e as organizações baseadas na fé (OBF) já estão bastante envolvidas em programas que fornecem alimentação ou bolsas de estudo a crianças vulneráveis e na manutenção de orfanatos.

Intervenções com objetivos específicos são necessárias. Os beneficiários podem ser determinadas crianças, suas famílias, escolas (as que comportam elevados números de órfãos matriculados) ou bairros. Quanto mais direcionada for a intervenção, mais probabilidades terá o programa de ser eficaz, mas existem riscos de estigma e discriminação ou tensões com aqueles que não se beneficiam destas

mesmas intervenções. Seja qual for o caso, a escolha dos beneficiários é melhor se feita por atores locais, que provavelmente conhecem melhor os casos específicos.

Promover o acesso universal ao tratamento das pessoas portadoras do HIV é um modo importante de prolongar a vida dos pais.

## O que podem fazer os ministérios da educação

---

- Desenvolver uma política que reflita um compromisso com a igualdade e o auxílio, com financiamentos e medidas adequados visando a remover a barreira dos custos:
  - abolição dos custos do ensino primário, compensada por subsídios apropriados, necessários para manter uma instrução de qualidade;
  - bolsas de estudo para cobrir outras despesas das populações visadas: meninas, órfãos, crianças com deficiências e outras crianças vulneráveis;
  - programas específicos de alimentação escolar.
- Cooperar, na medida do possível, com outros ministérios (previdência social) no desenvolvimento e implementação de proteção social e programas de transferência de fundos.
- Tornar as escolas mais reativas às necessidades dos órfãos e das crianças vulneráveis:
  - iniciando campanhas de sensibilização direcionadas às comunidades, associações de pais e professores (APP), administração escolar e professores, destacando a necessidade de integração de todas as crianças na escola e condenando o estigma;
  - organizando a formação básica e contínua de professores para lidar com as necessidades de aprendizagem específicas das crianças que sofrem;
  - promovendo escolas adaptadas às crianças;
  - desenvolvendo uma política para o local de trabalho que inclua a proteção e o apoio aos OCV.
- Incentivar programas de educação e de formação alternativos para crianças que trabalham e que não frequentam a escola.

Em todos os aspectos acima mencionados devem ser desenvolvidas parceiras com outros ministérios pertinentes (previdência social, governo local, trabalho), com ONGs nacionais e internacionais e com OBFs que trabalham com crianças vulneráveis.

## O que podem fazer os planejadores

---

- Ajudar na identificação e no mapeamento dos órfãos e de outras crianças vulneráveis que não frequentam a escola.
- Planejar e orçar todos os programas do governo que visam a remover as barreiras de custos: educação primária gratuita; subsídios escolares para substituir o rendimento outrora conferido pelos custos; programas de bolsas de estudo.
- Monitorar a implementação destes programas:
  - Fazer o mapeamento de todos os programas existentes implementados pelas ONGs, identificando as áreas onde existem elevados números de órfãos e de crianças vulneráveis sem cuidados ou onde exista duplicação de esforços.
  - Incentivar as ONGs e as OBFs a desenvolverem atividades para além das suas áreas de intervenção tradicionais, com incentivos e apoio adequados.
  - Apoiar secretarias da educação e comunidades de bairro na organização de programas de apoio às crianças vulneráveis.
  - Elaborar diretrizes e critérios sobre quem deve ser visado e monitorar, de perto, a aplicação destes critérios e a distribuição de fundos (bolsas de estudo, programas de nutrição).
  - Monitorar todos os programas cuidadosamente, independentemente de quem os organiza ou financia, e propor ações corretivas caso necessário.



### Mensagens Fundamentais aos Ministros da Educação

1. Desenvolver uma política que reflita um compromisso com a igualdade e a inclusão.
2. Cooperar com os ministérios da previdência social, os governos locais, as comunidades e as ONGs na implementação de programas sociais que apoiem as crianças vulneráveis e permitam-lhes continuar os estudos.
3. Enviar uma mensagem séria à administração escolar e aos professores para identificar e ajudar as crianças vulneráveis.
4. Promover escolas adaptadas às crianças.

# Igualdade de Gênero e Educação das Meninas

---

## O problema

---

A proporção de mulheres e meninas portadoras do HIV está aumentando cada vez mais. Em cada região do mundo, mais mulheres do que nunca vivem com o HIV. Na África Subsaariana, para cada dez homens infectados pelo HIV existem quase 16 mulheres infectadas, e as mulheres entre os 15 e os 24 anos de idade têm pelo menos três vezes mais probabilidade de serem seropositivas do que os homens na mesma faixa etária.

Mais de três quartos das pessoas que cuidam dos que vivem com o HIV em casa são mulheres. Devido às responsabilidades domésticas das mulheres, de cuidados com as crianças e de preparação das refeições, os impactos negativos da epidemia de SIDA são mais severos para as mulheres e para as meninas do que para os homens e os rapazes.

As desigualdades de gênero e a não capacitação das mulheres agem como forças bastante poderosas na condução e manutenção da epidemia de SIDA. Frequentemente, o estatuto inferior das mulheres não lhes permite negociar o uso do preservativo, e elas têm muito mais probabilidades de serem submetidas ao sexo não consensual.

A educação das meninas é vista como um elemento crítico dentro da estrutura de combate ao HIV e à SIDA. Assegurar o acesso das meninas à escola, que elas aprendam enquanto estão na escola e que atinjam os níveis de ensino secundário e superior talvez seja a contribuição mais importante que o setor da educação e os ministérios da educação podem fazer para que a epidemia de SIDA seja superada.

## O estatuto das mulheres é o principal problema da epidemia

“O principal problema [da epidemia de SIDA] não é tecnológico ou biológico: é o estatuto ou papel inferior que as mulheres detêm. Quando os direitos humanos e a dignidade das mulheres não são respeitados, a sociedade cria e favorece sua vulnerabilidade à SIDA” (Jonathan Mann, Diretor, Programa Mundial de Luta contra a SIDA).

“O fracasso dos governos na implementação dos compromissos para com a educação primária gratuita e a eliminação da desigualdade de gênero já contribuiu para o aumento das taxas de infecção, especialmente entre as mulheres e as meninas.”

(Mary Robinson, ex- Alta Comissária da ONU para os Direitos Humanos, 2006)

## O que sabemos

- A nível mundial, mais de 90 por cento das infecções pelo HIV de adolescentes e adultos resultaram de relacionamentos heterossexuais. Biologicamente, as mulheres têm duas vezes mais probabilidade de serem infectadas pelo HIV do que os homens nos relacionamentos heterossexuais desprotegidos (NIAID, 2006). Este fato biológico aumenta o risco de infecção pelo HIV das mulheres e das meninas quando somado à elevada prevalência de sexo não consensual, ao sexo sem uso de preservativo e aos comportamentos desconhecidos e/ou de alto risco dos seus parceiros.
- As meninas que frequentam a escola têm mais probabilidade de adquirir os conhecimentos e as competências necessárias para lidar com pressões e para tomar decisões sobre sua vida sexual. Meninas que completaram o ensino secundário têm um risco mais baixo de serem infectadas pelo HIV (ver página 9). Mulheres escolarizadas têm mais probabilidade de obter maiores rendimentos e de ser independentes.
- Apesar de ter havido progressos, ainda existe muito a fazer no tocante à disparidade homem/mulher nas áreas da alfabetização e do acesso aos diferentes níveis de ensino. Na África Subsaariana, mais de uma em cada três mulheres entre os 15 e os 24 anos de idade não sabe ler nem escrever (comparativamente a cerca de um em quatro homens na mesma faixa etária) (ONU, 2007). Algumas melhoras têm ocorrido na taxa bruta de matrículas no ensino primário, apesar de em 2005, para cada 100 meninos ainda haver apenas 89 meninas. A situação, tanto a nível do ensino secundário como do superior, tem se deteriorado desde 1999, com a matrícula de rapazes aumentando mais rapidamente do que a de meninas.

## A importância da educação das meninas

A educação das meninas pode ser fundamental na redução e na inversão da disseminação do HIV, contribuindo para a redução da pobreza, a igualdade de gênero, a emancipação feminina e a

sensibilização sobre os direitos humanos. Também tem implicações cruciais na independência econômica feminina, no adiamento do casamento, no controle da natalidade e no trabalho fora de casa.

*(Banco Mundial, 2002)*

## O que podem fazer os ministérios da educação

- Dar prioridade elevada ao objetivo que prevê que a igualdade de gênero seja alcançada dentro do sistema e assegurar uma educação maior e melhor para um número cada vez maior de meninas. As políticas de emprego, de disposição e de promoção devem deliberadamente buscar atingir melhores medidas sobre a igualdade de gênero.
- Desenvolver, no interior do sistema e das escolas, uma cultura que valorize o envolvimento feminino e a contribuição que as meninas e as mulheres podem fazer para que se alcance a educação para todos, igual para meninos e meninas. Programas para a melhoria da educação das meninas devem ser estabelecidos nos países ou nas áreas onde a participação das meninas é baixa.
- Empreender esforços deliberados para erradicar todas as formas de violência baseadas no gênero, no interior do sistema e em todas as instituições educativas. Devem ser empreendidos esforços deliberados para assegurar que as escolas sejam locais onde as meninas não sejam exploradas, mas onde sintam-se seguras e desejem estar.
- Desenvolver e divulgar materiais sobre como lidar com a violência baseada no gênero em programas de formação para os diretores de escolas e para os que detêm posições de responsabilidade.

## O que podem fazer os planejadores

- Assegurar a coleta de dados separados sobre meninos e meninas em todos os níveis e a transmissão destas informações aos tomadores de decisões.
- Planejar a substituição de manuais e materiais que contenham imagens estereotipadas relativas à questão do gênero.

- Assegurar que fatores de segurança são levados em consideração quando da projeção e localização das escolas.
- Providenciar saneamento e instalações sanitárias em todas as escolas que respondam às diferentes necessidades dos meninos e das meninas.
- Estabelecer programas de bolsas de estudo para apoiar a participação educacional das meninas em todos os níveis.



### **Mensagens Fundamentais aos Ministros da Educação**

1. Assegurar que toda menina frequente a escola primária, aprenda e ali permaneça até o final do ciclo primário.
2. Visar a prover o acesso ao ensino secundário completo de um número e proporção cada vez maiores de meninas.
3. Adotar políticas sólidas de apoio à participação feminina no ensino superior.
4. Demonstrar tolerância zero a todas as formas de violência baseadas no gênero.
5. Aumentar o número de professoras em todos os níveis e do pessoal feminino no âmbito da gestão e administração do ministério.

# 3 MANTER UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

## Apoio e Gestão dos Recursos Humanos

### O problema

Para sustentar a rápida melhoria da educação em países em desenvolvimento e alcançar o objetivo da Educação para Todos, é necessário contratar, durante a próxima década, um grande número de professores. No entanto, em muitos países, principalmente na África Austral e Oriental, a epidemia de SIDA criou obstáculos adicionais, impedindo os países de atingirem seus objetivos. O HIV torna os atuais problemas de escassez, absenteísmo e desenvolvimento desigual de professores piores do que seriam caso não existisse.

#### Alguns fatos

- ▶ Na próxima década serão necessários dezoito milhões de professores no ensino primário para atingir os objetivos da Educação Primária Universal. Só a África Subsaariana requer mais 1,6 milhões de professores (IEUNESCO, 2006).
- ▶ Um amplo estudo sobre escolas públicas sulafricanas demonstrou que 12,7 por cento dos professores são seropositivos. Tendo-se em consideração o sexo e a idade, os números não eram significativamente diferentes dos da população em geral (Shisana, Peltzer, Zungu-Dirwayi e Louw, 2004).
- ▶ No Malawi, cerca de 40 por cento de todas as perdas de professores devem-se a doenças terminais, a maioria estando presumivelmente relacionada com a SIDA.
- ▶ Zâmbia: estima-se que a doença de professores ou suas responsabilidades no cuidado de membros da família (incluindo a participação em funerais) são responsáveis por mais de 60 por cento das ausências dos professores (ONUSIDA/OMS, 2006).
- ▶ Namíbia: As licenças por doença e participação em funerais são as maiores causas das ausências nas províncias do Norte. (Castro, Duthilleul e Cailods, 2006).

### O que sabemos

Na maioria dos países, a **taxa exata de seroprevalência** entre professores permanece desconhecida, mas estudos recentes demonstraram que os professores não constituem uma população particularmente em risco. A taxa de seroprevalência entre professores tende a ser semelhante à encontrada na população em geral.

Nos países mais afetados, onde a **taxa de mortalidade** global aumentou em consequência da epidemia, os professores têm morrido em maior número do que no passado, mas é impossível dizer com precisão qual proporção destas mortes se deve à SIDA. Felizmente, o número de professores que morrem a cada ano é menor do que o anunciado em estudos anteriores.

Em vários países, a mortalidade de professores parece ter se estabilizado ou recuado recentemente, em consequência de taxas de seroprevalência mais baixas e acesso a tratamento (Bundy e Risley, 2007). A **taxa de abandono da profissão docente** permanece elevada, estimada entre 6,5 e 10 por cento nos países da África Austral. Não se sabe o quanto desta perda é devida a salários baixos, condições de trabalho precárias, oportunidades de emprego competitivas ou ao estresse e às doenças relacionadas com a SIDA. Ademais, o HIV e a SIDA influenciam o abandono da profissão docente de maneiras complexas. Por exemplo, os professores podem abandonar seus postos de trabalho para assumirem empregos em outras áreas onde a SIDA criou vagas. Em todos os casos, os administradores devem enfrentar o desafio de formar um grande número de professores dentre os quais muitos podem não permanecer em seus postos de trabalho por muito tempo.

Em muitos países, o **absenteísmo** de professores é elevado independentemente do HIV e da SIDA. A epidemia o transformou num assunto muito sério em locais bastante afetados, embora seja impossível apontar seu peso adicional. O absenteísmo tem grandes implicações na qualidade do ensino, uma vez que um professor ausente significa, na maior parte das vezes, classes sem aulas.

Cargas horárias de trabalho mais pesadas para os outros professores e a dependência de professores menos qualificados estão afetando o moral do pessoal, reduzindo a produtividade e aumentando o estresse. Em alguns países, os professores doentes são transferidos para postos ou posições administrativas em áreas urbanas onde se situam os centros de saúde. Isto pode ter impacto na qualidade de algumas escolas urbanas, ao mesmo tempo em que acentua a dificuldade de colocação de professores nas áreas rurais.

## O que podem fazer os ministérios da educação

---

Informar, proteger e apoiar seus professores e outros membros do pessoal do setor da educação:

- estabelecendo políticas e práticas para uma educação de prevenção que promova um ambiente de trabalho seguro para todo o pessoal do setor da educação;

- desenvolvendo uma política para o local de trabalho que facilite o acesso à informação, aos serviços e aos tratamentos dos que estão infectados e/ou afetados. A política deve auxiliar todo o pessoal, inclusive os portadores do HIV, e tratar das questões relacionadas ao estigma e à discriminação;
- assegurando a realização de um processo de consulta para o desenvolvimento da política do local de trabalho, e que ela envolva professores e estudantes seropositivos, bem como parceiros importantes;
- assegurando que a política para o local de trabalho, uma vez adotada, é disseminada e compreendida pelos professores coordenadores, professores, pais e pela comunidade em geral, e que é acompanhada de mecanismos funcionais (e legalmente obrigatórios) para proteger os professores enquanto trabalhadores;
- facilitando o estabelecimento de redes de professores seropositivos, criando vínculos com sindicatos de professores - um dos mais fortes aliados potenciais das redes de professores com HIV.

### Princípios fundamentais de uma política para o local de trabalho

- Reconhecimento de que o HIV e a SIDA são um problema do local de trabalho
- Não discriminação
- Igualdade de gênero
- Ambiente de trabalho saudável
- Diálogo social
- Inexistência de testes com propósitos de exclusão do emprego ou dos processos laborais
- Confidencialidade: nenhum trabalhador, estudante ou pai, em nome do aluno, é obrigado a revelar seu estado de portador

do HIV às autoridades educativas.

- Continuação da relação de emprego: a infecção pelo HIV não é uma causa para o término, suspensão, transferência involuntária ou bloqueio da progressão na carreira.
- Prevenção: informação, promoção de aconselhamento e testes voluntários e acesso aos serviços médicos.
- Cuidados e apoio: acomodação do serviço para trabalhadores e trabalhadoras doentes, estudantes e familiares.

As políticas devem ser formuladas segundo as necessidades e condições locais.

*Adaptado do Código de Ética da OIT*

## O que podem fazer os planejadores

Os planejadores podem contribuir para a implementação efetiva de uma política para o local de trabalho. Também devem monitorar de perto o impacto da epidemia no sistema de ensino e contribuir para a melhoria das práticas administrativas.

Planificação e monitoria:

- Assegurar que a implementação da política para o local de trabalho é devidamente planejada e orçada.

- Monitorar cuidadosamente as taxas de abandono dos professores e os motivos para o abandono da profissão.
- Estabelecer sistemas de gerenciamento da informação a nível central e regional para monitorar o absenteísmo, o abandono escolar e a mortalidade, os pedidos de benefícios empregatícios, o número de vagas, o tempo de recrutamento e os movimentos do pessoal.
- Planejar a oferta e a procura de professores e fazer o levantamento das necessidades de formação e recrutamento a nível nacional e regional, levando em consideração as futuras taxas de escassez de pessoal.

Práticas de administração:

- desenvolver ferramentas de monitoria que possam ser utilizadas facilmente nas escolas e que possam incentivá-las a manter bons registros;
- formar os professores coordenadores em como gerir uma escola : apoiar os professores, proporcionar-lhes aconselhamento pedagógico e ao mesmo tempo aplicar os regulamentos existentes;
- avaliar meios para reduzir o absenteísmo causado pelas falhas do sistema (por exemplo, regularizando os dias de pagamento).

Onde possível e dependendo do contexto:

- rever as normas e procedimentos, de forma a facilitar a aposentadoria antecipada de professores doentes crônicos e a substituição de professores falecidos;
- rever os procedimentos para a recolocação de professores com necessidades de cuidados;
- analisar a viabilidade e o custo do estabelecimento de um sistema de professores substitutos e/ou de sistemas de alocação de fundos que permitam às escolas recrutar professores voluntários;
- aumentar a responsabilidade das escolas perante os conselhos escolares e a comunidade.



### **Mensagens Fundamentais aos Ministros da Educação**

1. Proporcionar cuidados e apoio a todo o pessoal do setor da educação.
2. Assegurar que as leis e os regulamentos da política para o local de trabalho são conhecidos e aplicados.
3. Coletar informações regularmente e monitorar o impacto do HIV nos professores.

# O Fortalecimento das Instituições do Ensino Superior

---

## O problema

---

O que o HIV e a SIDA fazem às instituições do ensino superior é o mesmo que fazem ao corpo humano: destroem os sistemas que deveriam nos proteger. Corroem a capacidade das instituições de ensino superior de formar futuros líderes, gestores, professores, médicos e outros profissionais e de satisfazer as principais funções educacionais e de pesquisa necessárias ao desenvolvimento econômico e social. Debilitam os esforços para o desenvolvimento de capacidades e destroem os vultosos investimentos financeiros e educacionais feitos no ensino superior.

A maioria dos estudantes das instituições de ensino superior são jovens que podem ser deveras sexualmente ativos e, por esta razão, estar mais susceptíveis à infecção do que qualquer outro grupo etário. Embora a sensibilização à SIDA seja amplamente difundida no meio universitário, ocorre um esgotamento e, devido a um acesso mais fácil ao tratamento, pode-se pensar que a epidemia está sob controle. Até agora houve poucas respostas sistemáticas ao HIV e à SIDA no ensino superior.

Mesmo nas instituições que adotaram uma resposta, muitas se detêm excessivamente aos aspectos médicos da epidemia. A maioria das instituições de ensino superior não conseguiram cumprir seu papel de líderes na formulação de respostas às necessidades de uma sociedade afetada pela SIDA, na medida em que limitaram a pesquisa sobre a SIDA à esfera biomédica em vez de a expandirem a outros campos (social, psicológico, legal, econômico, etc.).

## O que sabemos

---

O HIV e SIDA afetam a demanda pelo ensino superior na medida em que dificultam aos estudantes de famílias afetadas/infectadas arcarem com seus custos.

Em países de prevalência elevada, o absentéismo e a perda do pessoal, o subsequente aumento da carga horária de trabalho, baixos moral e eficiência e as dificuldades na substituição de pessoal bem formado estão afetando sua capacidade de oferecer serviços educativos. O abandono da profissão por parte do pessoal não docente também atrapalha severamente os programas de ensino e de pesquisa. Isto afeta a qualidade do ensino e o desempenho do estudante.

Muitos gestores do ensino superior não veem a organização da educação preventiva como sua responsabilidade, posto que os estudantes já foram expostos, teoricamente, à educação preventiva na escola.

Ademais, vários fatores contribuem para a propagação do HIV nas instituições de ensino superior, entre eles a idade, a ingenuidade e a pobreza dos estudantes num ambiente que valoriza os bens modernos e da moda. Outros fatores incluem a pressão dos colegas, o acesso inadequado à informação sobre o HIV e a SIDA, o consumo de álcool ou de drogas e as dificuldades de acesso a preservativos.

Cada vez mais universidades estão agindo para combater a epidemia, mas muitas ainda necessitam abordar a questão de um modo sistemático. Poucas universidades desenvolveram um programa sobre o HIV e a SIDA, estabeleceram estruturas ou alocaram orçamentos significativos. Existe uma falta generalizada de informação fidedigna sobre o impacto do HIV e da SIDA no funcionamento das instituições.

De maneira geral, as respostas têm sido resultado de iniciativas individuais ou de grupos, ad hoc e fragmentadas, com pouca sustentabilidade.

## O que podem fazer os ministérios da educação

---

Normalmente, as universidades e as outras instituições de ensino superior são entidades independentes que desenvolvem suas próprias políticas e planos de trabalho. Cada instituição é, portanto, responsável pela sua própria resposta à epidemia. No entanto, os ministérios da educação podem:

- trabalhar em conjunto com instituições e com o ministério da saúde para estabelecer programas abrangentes de prevenção da SIDA ;
- estabelecer programas de bolsas de estudo para auxiliar estudantes pobres mas aplicados, principalmente mulheres, de forma que possam continuar os estudos sem recorrer a práticas sexuais de alto risco;
- estipular diretrizes para as universidades sobre como desenvolver estruturas de políticas coerentes com a política nacional de educação sobre o HIV e a SIDA e com a política nacional para o local de trabalho;
- exigir das instituições de nível superior o desenvolvimento de um código de ética em conjunto com os sindicatos e organizações profissionais, e disponibilizá-lo o mais amplamente possível;
- recompensar as universidades e as faculdades bastante ativas e que divulgam boas práticas;

- apoiar programas universitários de pesquisa sobre o HIV e SIDA realizados pelas faculdades e em parceria com parceiros externos.

## O que podem fazer os planificadores

---

- Integrar as questões relacionadas com o HIV e a SIDA no programa nacional estratégico para o ensino superior.
- Estabelecer um sistema apropriado de gerenciamento da informação sobre educação no âmbito do ensino superior e monitorar o impacto do HIV e da SIDA nos estudantes e no pessoal. Em cooperação com instituições de nível superior, avaliar a taxa de abandono da profissão por parte do pessoal e estimar suas futuras necessidades .
- Formar os planificadores e os gestores institucionais em como avaliar o impacto do HIV e da SIDA em suas instituições; avaliar o custo de operacionalização da política sobre o HIV e a SIDA e preparar planos estratégicos.

## O que podem fazer os gestores institucionais

---

Os gestores institucionais devem ter um papel de liderança dinâmico no apoio às ações e recursos, tanto numa abordagem interna, para proteger o próprio funcionamento da instituição, como numa abordagem externa, para servir às necessidades de uma sociedade afetada pela SIDA.

Desenvolver uma política institucional própria sobre o HIV e a SIDA

Isto implica personalizar a política do setor da educação e a política nacional para o local de trabalho, integrar o HIV e a SIDA nos seus planos estratégicos e explorar, com o apoio do ministério da educação e o conselho nacional de luta contra a SIDA, diversas fontes para financiar a prevenção e o acesso a programas de tratamento.

Proteger o próprio funcionamento da instituição

- monitorar o impacto do HIV e da SIDA no pessoal e nos estudantes e estabelecer e apoiar um comitê institucional amplo com a

responsabilidade de implementar e monitorar o combate institucional ao HIV e à SIDA;

- assegurar a integração do HIV, da educação sobre saúde sexual e reprodutiva nos seus currículos e fornecer a formação necessária ao pessoal, monitores e professores;
- assegurar que os preservativos são de fácil acesso no campus a um preço razoável;
- promover campanhas contra a discriminação e a estigmatização;
- aplicar o código de ética profissional e tomar atitudes exemplares contra os que não o seguem;
- estabelecer parcerias com as diversas ONGs e associações que atuam na universidade com vista à organização de atividades extracurriculares;
- estabelecer estruturas apropriadas de aconselhamento, cuidados e auxílio e manter a comunidade universitária informada sobre a disponibilidade de tratamento e os locais de tratamento adequados.

Responder às necessidades de uma sociedade afetada pela SIDA

- permitir o desenvolvimento de diplomados competentes, flexíveis e inovadores em SIDA, capazes de trabalhar de forma produtiva e construtiva numa sociedade infectada e afetada pelo HIV e pela SIDA;
- ampliar seu programa de pesquisa para abranger os vários aspectos do impacto do HIV e da SIDA na sociedade.

### **Alguns testemunhos Desfrutando de uma nova liberdade**

“Atualmente, a maioria dos estudantes que entram na universidade são bastante jovens e a idade os incita a experimentar o sexo. Para muitos, é a primeira vez que se encontram realmente livres do controle parental ou da administração escolar. Existem vários tipos de pessoas prontas a explorar sua inocência ... os homens induzem as moças com dinheiro e elas acabam cedendo, e é difícil para jovens desta idade insistirem para que o homem use preservativo. Também os rapazes são procurados

por mulheres de meia-idade e por colegas ricas que oferecem presentes caros em troca de companhia.”

*(Conselheira, hospital universitário na Uganda)*

### **Necessidade de dinheiro:**

“A maioria das estudantes encara a moda como parte da sua vida universitária. Desejam ter toda roupa que está na última moda. Infelizmente, estas estudantes são... pobres e algumas farão qualquer coisa para ter dinheiro e se manter na moda. Muitas das estudantes recorrem à venda do sexo como modo mais rápido para ganhar dinheiro.”

*(Professor estagiário na Zâmbia, julho de 2007)*

### **Relações professor-aluno:**

"Isto é comum entre alunas e professores, mas não entre alunos e professoras... A maioria das relações aluna-professor baseia-se em relações sexuais. Uma aluna ficará numa situação terrível após ser deixada pelo 'namorado professor', que mais tarde vai pedir uma amiga sua ou outra

aluna em casamento. Porém, poucas alunas denunciam estas relações, apesar das constantes advertências do diretor, porque temem ser intimidadas pelo professor em questão e ser motivo de chacota na faculdade".

*(Professor estagiário na Zâmbia, julho de 2007)*



## **Mensagens Fundamentais aos Ministros da Educação**

1. Reconhecer que o HIV e a SIDA podem arruinar o potencial das instituições do ensino superior na produção de recursos humanos, pesquisa e liderança dos quais necessita a economia nacional .
2. Suscitar a questão do HIV e da SIDA, bem como respostas institucionais, em discussões com órgãos administrativos e gestores institucionais seniores .

## **Mensagem Fundamental aos Gestores Institucionais**

Institucionalizar o HIV e a SIDA numa instituição de ensino superior requer uma determinação radical inabalável quanto ao comprometimento de todo o potencial e de todos os recursos da instituição na luta contra a epidemia. Esta determinação traduz este compromisso em políticas, programas e estruturas de implementação.



# 4 INTEGRAR O HIV/SIDA NA AGENDA DE TRABALHO DOS PLANIFICADORES

## A agenda de trabalho dos planificadores num contexto de SIDA

Num contexto de SIDA, os planificadores e gestores devem integrar em sua agenda de trabalho a necessidade de mitigar o impacto da epidemia no sistema de ensino para proteger suas funções principais. Isto significa, entre outras coisas, concentrar-se no aumento do acesso à educação de todas as crianças, principalmente das meninas e das crianças vulneráveis, dando, ao mesmo tempo, passos no sentido de melhorar a qualidade, apesar das inúmeras dificuldades encontradas.

Esta nova responsabilidade afetará:

- suas diversas tarefas;
- as questões às quais devem estar atentos ;
- os recursos que têm de mobilizar;
- os parceiros com quem trabalham e
- as ferramentas que utilizam para identificar os problemas e monitorar o impacto das diversas medidas.

Nos capítulos anteriores foram discutidas as várias medidas e intervenções que os planificadores e gestores devem levar em consideração para resolver problemas diversos. Foram delineados seu papel e suas tarefas específicas. Segue um resumo das prioridades estratégicas da planificação num contexto de SIDA.

### Análise da situação

Ao desenvolver programas nacionais de educação que levam em conta o impacto da SIDA, a primeira tarefa dos planificadores é fazer uma análise da situação. Para tanto, necessitam coletar as informações necessárias para identificar os principais problemas e lacunas.

Dados pertinentes, oportunos e precisos são essenciais para avaliar o impacto do HIV e da SIDA no número de alunos e estudantes (a

demanda por educação), nos professores, na qualidade da educação ministrada nos diferentes lugares e no modo como opera o sistema de ensino. Cada vez mais, os ministérios da educação de países altamente impactados integram indicadores equivalentes sobre o impacto do HIV e da SIDA no seu censo escolar anual. A informação que pode ser coletada a nível nacional inclui o número de órfãos, únicos ou duplos, por gênero, a disponibilidade de materiais de prevenção sobre o HIV e a SIDA, bem como a mortalidade e o abandono da profissão docente pelos professores por causa, gênero e idade.

Estas informações podem ser completadas através de estudos detalhados e específicos sobre uma amostra de escolas para avaliar, por exemplo, a dimensão do absentismo de professores e alunos. Estudos sobre a família podem fornecer informações úteis sobre qual a proporção e quais as características das crianças que não frequentam a escola.

Cada vez mais países têm descentralizado a administração dos seus sistemas de ensino para unidades decisórias mais próximas das escolas. Dados processados a nível local são muito mais acessíveis e permitem decisões e intervenções rápidas. A coleta de dados rotineira e sistemática sobre o absentismo de professores e alunos, o estado de doença, mortalidade e orfandade, a disponibilidade e utilização dos materiais de ensino, deve constituir a base para ações mais acertadas, tais como encontrar professores substitutos, assistir comitês de administração escolar, ONGs e outros órgãos no apoio às crianças e adolescentes afetados pelo HIV e a SIDA e para supervisionar a distribuição de materiais.

No âmbito do ensino superior, os planificadores devem trabalhar de perto com os gestores institucionais diretores e seniores para incentivá-los a estabelecer e implementar políticas institucionais sobre o HIV e a SIDA, estabelecer sistemas de informação apropriados e recolher dados fidedignos sobre as matrículas dos alunos por gênero, abandono escolar anual dos alunos e do pessoal docente e não-docente..

## Planificação e mobilização de recursos

---

Mitigar o impacto do HIV e da SIDA no sistema requer a alocação de recursos suficientes para a formação e atualização de professores; a substituição de professores faltosos ou falecidos; o desenvolvimento de um currículo apropriado sobre o HIV e a SIDA ; a preparação e distribuição de materiais pedagógicos; o fornecimento de programas de alimentação escolar e bolsas de estudo para crianças vulneráveis e

estudantes que, de outro modo, não têm possibilidade de continuar os estudos; a formação de formadores, supervisores e administradores; o desenvolvimento de novos sistemas de informação sensíveis à SIDA, etc.

Todos estes programas devem ser:

- planejados como parte do plano de desenvolvimento da educação e integrado nos planos nacionais e nas aplicações da Iniciativa Fast Track (Via Rápida);
- incluídos e custeados pelo orçamento global (orçamento anual ou quadro de despesas a médio prazo) e
- submetidos ao ministério das finanças e às várias agências de auxílio. Programas e projetos específicos podem ter de ser preparados e submetidos a agências específicas, incluindo as comissões da SIDA, para abranger atividades específicas.

Assim que os programas sobre o HIV e a SIDA forem completamente integrados nas atividades quotidianas dos ministérios da educação, em vez de serem tratados como atividades independentes, financiadas por fontes extraordinárias, existe uma maior probabilidade que recebam a devida atenção. Uma vez que o plano for aprovado, deve ser organizada sua implementação e devem ser preparados planos de trabalho e planos operacionais anuais para assegurar que as atividades serão devidamente implementadas e os fundos alocados anualmente.

A preparação do plano é um esforço conjunto. Os planificadores centrais devem trabalhar em conjunto com os planificadores dos diversos departamentos do ministério da educação (como o Departamento do Ensino Primário e Secundário e o Departamento de Formação de Professores) e apoiá-los na planificação de suas próprias atividades. Da mesma forma, na esfera institucional, os planificadores devem formar e assistir os altos funcionários e planificadores distritais e regionais - principalmente nas instituições de ensino superior - tanto na preparação do plano quinquenal como na do plano operacional anual.

## Trabalhar em parceria

O desafio do HIV e da SIDA é grande demais para um único ministério. Mitigar o impacto da epidemia requer ações coordenadas de vários parceiros. Os ministérios da educação devem estabelecer parcerias com os ministérios da saúde e da previdência social e com as comissões nacionais da SIDA para o financiamento e implementação de ações coordenadas.

Tratar das necessidades dos órfãos e das crianças vulneráveis implica trabalhar com as comunidades, com o governo local e com as agências não-governamentais. Como já mencionado, estes são os que melhor podem identificar os jovens e as famílias mais necessitados e auxiliar na busca de soluções que permitam às crianças órfãs e aos jovens continuarem a fazer parte de uma família. No âmbito regional, os altos funcionários da área da educação podem incentivar os comitês municipais a fazer o mapeamento das crianças que não frequentam a escola e do local onde vivem, visitá-las em suas casas e, finalmente, prestar-lhes a assistência necessária para que frequentem a escola.

Discussões com membros da comunidade e com diversos parceiros (sindicatos de professores, pais e líderes religiosos) também são úteis para evitar a resistência à introdução de um currículo sobre a SIDA, para obter apoio na escola e no meio escolar e para harmonizar as mensagens transmitidas na escola com as disseminadas na comunidade.

Sempre que possível, outros pedagogos devem ser envolvidos e convidados a dar palestras nas escolas. As associações de pessoas portadoras do HIV e as redes de professores infectados ou afetados podem fazer bastante para que as pessoas percebam o impacto desastroso do estigma e da discriminação. Os ministérios da educação devem apoiar tais associações e trabalhar em parceria com elas.

Em muitos países, as ONG (nacionais e internacionais) e as OBF estão fortemente comprometidas com programas que fornecem alimentação e bolsas de estudos a crianças vulneráveis, enquanto outras organizações proveem tratamento a professores infectados. No âmbito do ensino superior, os gestores institucionais têm bastante autonomia. Eles devem ser incentivados a empreender as tarefas mencionadas nas secções pertinentes deste guia sumário, além de serem apoiados e monitorados.

Nesta área, o papel dos planificadores no ministério de educação é:

- trabalhar com vários parceiros;
- coordenar suas atividades;
- proporcionar-lhes informação;
- motivá-los através de incentivos adequados e
- monitorar o impacto das atividades empreendidas.

## Monitoria e avaliação

É essencial monitorar a implementação dos diversos programas e avaliar seu impacto. Uma monitoria e avaliação precisas dos programas permitem a tomada de medidas corretivas e a identificação e a divulgação de boas práticas. Também propicia uma orientação sobre o término, o redirecionamento, ou, ao contrário, o incremento de programas. Entre os programas que precisam ser monitorados cuidadosamente, figuram os seguintes:

- formação contínua de professores;
- distribuição e utilização de materiais pedagógicos especiais ;
- isenção de custos e programas de bolsas de estudo para verificar como o programa está sendo implementado, possíveis efeitos não almejados, se os beneficiários visados estão recebendo os fundos e quais os impactos no acesso à escola e na conclusão dos estudos;
- implementação da política para o local de trabalho; utilização do código de ética; e os efeitos na redução da violência nas escolas, do estigma e da discriminação.

As informações necessárias podem ser coletadas pelo sistema regular de gerenciamento de informações ou através de estudos específicos e pesquisas quantitativas ou qualitativas. O sistema de supervisão e garantia de qualidade também pode ser utilizado. Pode-se pedir aos supervisores que se detenham a determinados itens, e seus relatórios devem ser mais sistematicamente analisados.



### Mensagens Fundamentais aos Ministros da Educação

1. Fortalecer sua equipe de planificação e administração para guiar e monitorar políticas e mobilizar recursos e parcerias.
2. Comprometer-se pessoalmente: uma liderança dinâmica e duradoura é essencial para produzir os esforços necessários para se articular uma resposta eficaz ao HIV e à SIDA.

# Referências

---

ActionAid International. 2006. *Girl power: The impact of girls' education on HIV and sexual behaviour*. (www.actionaid.org.uk/).

Akpaka, O. ; Yacouba, Y. 2007. *L'impact du VIH et du sida sur le système éducatif au Burkina Faso*. Éducation dans le contexte du VIH et du sida. Paris : IIPÉ-UNESCO.

Banque mondiale. 2002. *Education and HIV/AIDS: a window of hope*. Washington, DC : Banque mondiale.

Bennell, P. 2005. *Teacher mortality in sub-Saharan Africa: an update*. Extrait le 4 mars 2008 sur [http://hivaidsclearinghouse.unesco.org/ev\\_en.php?ID=5531\\_201&ID2=DO\\_TOPIC](http://hivaidsclearinghouse.unesco.org/ev_en.php?ID=5531_201&ID2=DO_TOPIC)

BIE. 2006. *Manuel pour l'intégration de l'éducation VIH et sida dans les curricula officiels*. Genève : BIE-UNESCO.

BIT. 2001. *Recueil de directives pratiques sur le VIH/sida et le monde du travail*. Genève : BIT.

Bundy, D. ; Risley, C. 2007. *Estimating the impact of HIV and AIDS on the supply of basic education*. Document non publié.

Castro, V. ; Duthilleul, Y. ; Caillods, F. 2007. *Teacher absences in an HIV and AIDS context: evidence from nine schools in Kavango and Caprivi (Namibia)*. Paris : IIPÉ-UNESCO.

De Walque, D. ; Nakiyingi-Miiró, J.S. ; Busingye, J. ; Whitworth, J.A. 2005. "Changing association between schooling levels and HIV-1 infection over 11 years in a rural population cohort in South-west Uganda". Dans : *Tropical Medicine and International Health*, 10(10), 993-1001,

Fylkesnes, K. ; Musonda, R.M. ; Sichone, M. ; Ndhlovu, Z. ; Tembo, F. ; Monze, M. 2001. "Declining HIV prevalence and risk behaviours in Zambia: evidence from surveillance and population-based surveys". Dans : *AIDS*, 15(7), 907-916.

Groupe de travail de l'UNESCO sur l'Éducation pour le XXI<sup>e</sup> siècle (présidé par Jacques Delors). 1996. *L'éducation : un trésor est caché dedans, Rapport à l'UNESCO de la Commission Internationale sur l'Éducation pour le XXI<sup>e</sup> siècle*. Paris : UNESCO.

Hargreaves, J.R. ; Morison, L.A. ; Kim, J.C. ; Bonell, C.P. ; Porter, J.D.H. ; Watts, C. ; Busza, J. ; Pronyk, P.M. ; Phetla, G. 2008. "The association between school attendance, HIV infection and sexual behaviour among young people in rural South Africa". Dans : *Journal of Epidemiology and Community Health*, 62(2), 113-119.

Human Rights Watch. 2005. "Letting them fail. Government neglect and the right to education for children affected by AIDS". Dans : *Human Rights Watch*, 17(13) A. New York : Human Rights Watch, New York.

Internationale de l'Éducation. 2007. *Training for life: teacher training on HIV/AIDS*. Bruxelles : Internationale de l'Éducation.

ISU. 2006. *Teachers and educational quality: Monitoring global needs for 2015*. Montréal : ISU-UNESCO.

Katahoire, A.R. ; Kirumira, E.K. 2008. *The impact of HIV and AIDS on higher education institutions in Uganda*. Éducation dans le contexte du VIH et du sida. Paris : IIPÉ-UNESCO.

Kirby, D. ; Obasi, A. ; Laris, B.A. 2006. "The effectiveness of sex education and HIV education interventions in schools in developing countries" Dans : D. Ross, B. Dick and J. Ferguson (Eds.), *Preventing HIV/AIDS in young people. A systematic review of the evidence from developing countries*. Genève : Organisation mondiale de la santé.

NIAID. *HIV infection in women*. Extrait le 26 juin 2008 sur [www.niaid.nih.gov/factsheets/womenhiv.htm](http://www.niaid.nih.gov/factsheets/womenhiv.htm)

Organisation des Nations Unies. 2007. *Rapport 2007 sur les objectifs du Millénaire pour le développement. Annexe statistique*. New York : Nations Unies.

ONUSIDA. 2006. *Africa's orphaned and vulnerable generations. Children affected by AIDS*. New York : UNICEF/ONUSIDA.

ONUSIDA/OMS. 2006. *AIDS Epidemic Update: December 2006*. Genève : ONUSIDA/OMS, Genève.

Pevzner, E. 2005. *Teachers confronting the HIV epidemic: skills for teaching and survival*. Compte rendu du projet de l'Organisation mondiale de la santé (OMS), de l'Internationale de l'Éducation (IE), et du Centre pour le Développement de l'Éducation (CDE) de formation des enseignants pour prévenir l'infection au VIH et la discrimination par le biais de l'école. Bruxelles : Internationale de l'Éducation.

Shisana, O. ; Peltzer, K. ; Zungu-Dirwayi, N. ; Louw, J. 2004. *The health of our educators: A focus on HIV/AIDS in South African public schools*. Pretoria : HSRC Press.

# Recursos Adicionais

---

## Uma Educação de Prevenção que Funciona

Clarke, D. 2008. *Heroes and villains. Teachers in the education response to HIV*. Paris : IPEE-UNESCO.

Gordon, P. 2008. *Review of Sex, Relationships and HIV Education in Schools. Prepared for the first meeting of UNESCO's Global Advisory Group meeting 13-14 December 2007*. Paris : UNESCO.

Miedema, E. 2007. "A curriculum response to HIV and AIDS". Dans : *Responding to the epidemic. Volume 4: Educational planning and management in a world with AIDS*. Paris : IPEE/ESART.

UNESCO. 2008. Fiches techniques EDUSIDA. Paris : UNESCO.

## Formação de Professores

James-Traoré, T.A. ; Finger W. ; Daileader Ruland, C. ; Savariaud, S. 2004. *Teacher Training: Essential for School-Based Reproductive Health and HIV/AIDS Education. Focus on Sub-Saharan Africa*. Youth Issues Paper 3. Arlington : FHI.

Kelly, M.J. 2008. *Gender, HIV/AIDS, and the Status of Teachers*. Londres : Secrétariat du Commonwealth.

Kelly, M.J. 2007. "Teacher formation and development in the context of HIV". Dans : *Volume 4: Responding to the Epidemic. Educational planning and management in a world with AIDS*. Paris : IPEE-UNESCO, ESART.

## Estigma e Discriminação

Kidd, R. ; Clay, S. ; Chiiya, C. 2007. *Understanding and challenging HIV stigma: Toolkit for action*. International HIV/AIDS Alliance, Brighton : Academy for International Development, International Center for Research on Women.

Smart, R. 2007. "HIV/AIDS-related stigma and discrimination". Dans : *Setting the scene. Educational planning and management in a world with AIDS*. Paris : IPEE-UNESCO/ESART.

UNESCO. 2006a. *Recommandations de l'UNESCO pour la terminologie et la rédaction de documents relatifs au VIH et au sida*. Paris : UNESCO.

## Mitigar o Impacto nas Crianças Vulneráveis e nos Jovens

Adato, M. ; Bassett, L. 2007. *What is the potential of cash transfers to strengthen families affected by HIV and AIDS? A Review of the Evidence on Impacts and Key Policy Debates*. Washington DC : International Food Policy Research Institute (IFPRI).

Banque mondiale Région Afrique et Institut de la Banque mondiale. *The OVC toolkit for sub-Saharan Africa*, 2005.

Smart, R. ; Heard W. ; Kelly, M. 2007. "An education policy framework for orphans and vulnerable children". Dans : *Volume 4: Responding to the Epidemic. Educational planning and management in a world with AIDS*. Paris : IIPE/ESART.

### **Igualdade de Gênero e Educação das Meninas**

Global Campaign for Education. 2005. *Girls can't wait. Why girls' education matters, and how to make it happen now*. Briefing paper for the UN Beijing +10 Review and Appraisal. Bruxelles : Global Campaign for Education.

Hargreaves, J. ; Boler, T. 2006. *Girl power: The impact of girls' education on HIV and sexual health*. Afrique du Sud : ActionAid International.

Salter, N. ; Schechtman, L. 2007. *Violence free zone: End school-related violence, prevent HIV/AIDS*. Washington DC : Global AIDS Alliance.

### **Apoio e Gestão dos Recursos Humanos**

Bennell, P. ; Hyde, K. ; Swainson, N. 2002. *The impact of the HIV/AIDS epidemic on the education sector in sub-Saharan Africa. A synthesis of the findings and recommendations of three country studies*. Sussex : Université du Sussex.

BIE/UNESCO. 2006. *An HIV/AIDS Workplace Policy for the Education Sector in the Caribbean*. Port d'Espagne : BIE/UNESCO.

UNESCO ; IE-EPT/sida. 2007. *Supporting HIV-positive teachers in East and Southern Africa: Technical consultation report, 30 November – 1 December 2006, Nairobi, Kenya*. Paris : UNESCO.

### **O HIV e a SIDA nas Instituições de Ensino Superior**

Association des universités africaines (AUA). 2004. *Guide pratique à l'usage des institutions de l'enseignement supérieur en Afrique en vue d'atténuer l'impact du VIH/sida*. Accra : AUA.

Banque mondiale. 2004. *Crafting institutional response to HIV/AIDS: Guidelines and resources for tertiary institutions in sub-Saharan Africa*. Washington DC : Banque mondiale.

Crewe, M. ; Nzioka, C. 2007. "The higher education response to HIV/AIDS". Dans *Volume 4: Responding to the Epidemic: Educational planning and management in a world with AIDS*. Paris : IIPE-UNESCO/ESART.

Kelly, M.J. 2001. *Défer le mal qui nous défie : comprendre et amplifier la riposte des universités africaines au VIH/sida*. Paris : ADEA.

Kelly, M.J. 2003. "The significance of HIV/AIDS for Universities in Africa". Dans : *Journal of Higher Education in Africa*, 1(1).

Nzioka, C.; Ramos, L. 2008. *Training teachers in a HIV and AIDS context: Experiences from Ethiopia, Kenya, Uganda and Zambia*. Paris : IIPE-UNESCO.

UNESCO. 2006b. *Expanding the field of inquiry: A cross-country study of Higher Education Institutions' responses to HIV and AIDS*. Paris : UNESCO.

## O Guia Sumário

---

Este guia sumário é dirigido aos planificadores e gestores educacionais, e também aos outros principais tomadores de decisões da área da educação de países altamente afetados pela epidemia de SIDA, principalmente os países da África Subsaariana, onde o impacto nos sistemas educativos tem sido mais severo.

Elaborado com base em estudos anteriores e na experiência do Instituto Internacional para o Planeamento Educacional (IIEPE) da UNESCO, este resumo enfoca os aspectos práticos da planificação educacional num contexto de HIV. O objetivo é destacar as principais implicações da epidemia para os planificadores e gestores educacionais que atuam a nível central e as possíveis áreas de intervenção.

Nele discutem-se quatro desafios principais num mundo com SIDA:

- prover uma educação eficaz de prevenção ;
- aumentar o acesso às escolas;
- manter uma educação de qualidade;
- integrar o HIV/SIDA na agenda de trabalho dos planificadores.

Cada capítulo pode ser lido independentemente ou em sequência. Após descrever o problema, cada capítulo resume o que pode fazer um ministério da educação e o que devem fazer os planificadores. Também são apresentadas mensagens aos ministros para lembrar-lhes os pontos sobre os quais eles devem agir urgentemente.

## Os Autores

---

Françoise Caillods é Diretora Delegada do Instituto Internacional para o Planeamento Educacional. Lidera a equipe de pesquisa sobre a educação básica e a equipe que trabalha sobre a educação e o HIV & SIDA.

Michael J. Kelly foi Professor de Educação na Universidade da Zâmbia e especializou-se nas áreas de desenvolvimento de políticas, educação e desenvolvimento, planificação e gestão educacionais. Tem escrito inúmeros documentos sobre o impacto do HIV e da SIDA na educação.

Barbara Tournier trabalha no IIEP em projetos sobre o HIV e a SIDA que tratam do impacto da epidemia nos sistemas educativos, professores e sistemas de informação a nível local.



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Instituto Internacional para  
o Planeamento Educacional